



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**JÉSSICA VIEIRA SARAIVA
(Depoimento)**

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E- 424

Entrevistada: Jéssica Vieira Saraiva

Nascimento: 18/05/1997

Local da entrevista: Câmara Municipal de Vereadores - Pelotas

Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 31/05/2014

Transcrição: Eliana de Freitas

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 9 minutos e 12 segundos

Páginas Digitadas: 6

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no futebol; Futebol de rua; Apoio da família; Esporte Clube Pelotas; Seleção Brasileira Sub-17; Treinamento; Lesão; Participação em campeonatos; Peneira de futebol feminino.

Porto Alegre, 31 de maio de 2014. Entrevista com Jéssica Vieira Saraiva a cargo das pesquisadoras Suellen dos Santos Ramos e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Jéssica, gostaria que tu nos contasse como foi a tua inserção no esporte?

J.V. – Eu jogo desde pequena, na vila. Eu jogava entre os guris, jogava junto com eles os campeonatos. Eu sempre tinha destaque na cidade onde eu jogava. Fiz um teste ano passado, dia 27 de janeiro, no Pelotas¹ para entrar no clube e poder sair da cidade onde eu estava. Eu consegui passar entre vinte e sete meninas que buscavam ser aprovadas, fui uma das melhores, entre as oito selecionadas. Iniciei, mas não sabia como seria. Depois de oito meses jogando no Pelotas eu tive a oportunidade de ser convocada para a seleção brasileira². Foi uma experiência que adquiri diante de inúmeras meninas com tantas habilidades, sonhos, metas para serem alcançadas. Todas com o mesmo objetivo de alcançar, como muitas meninas hoje em dia, a seleção. Poder conhecer pessoas novas ter mais conhecimento dentro deste ramo que é pouco conhecido no Brasil. O sonho de muitas dessas meninas é poder chegar na seleção, ir para a seleção principal, ter destaque. Eu ainda sigo lutando diante das dificuldades. Hoje, ainda estou no Pelotas, procuro estar. Estamos com uma nova equipe da sub-17. Meu professor Marcos³ me ajuda em tudo que eu preciso, não só a mim, mas a todo o grupo e está buscando, esse ano, um título do Campeonato Gaúcho sub-17.

S.R. – Vamos voltar um pouquinho. Tu iniciaste jogando na rua com os meninos?

J.V. – Sim.

S.R. – E na escola tu jogavas?

J.V. – Na escola, ano passado eu não pude jogar, mas todos os anos que eu pude jogar eu buscava ganhar. Eu sempre joguei na escola.

¹ Esporte Clube Pelotas.

² Seleção brasileira de futebol feminino.

³ Marcos Planela Barbosa, treinador do Esporte Clube Pelotas.

S.R – Com meninos ou com meninas?

J.V. – Sempre com os meninos, mas quando tínhamos jogos de meninas, o que era muito difícil, eu jogava também.

S.R – Tu participaste de campeonatos com os meninos?

J.V. – Sim, eu participava da SAFERGS⁴ com os meninos.

S.R – Quando tu decidiu jogar bola, como foi a reação da tua família?

J.V. – Eles nunca falaram nada. Sempre me apoiaram em tudo que eu escolhi fazer, me deram todo o incentivo, me ajudaram em tudo que eu precisava e até hoje me ajudam.

S.R. – Então tu começaste a jogar na rua, passou a jogar na escola e agora joga em um clube, que é o Pelotas. Como foi essa transição do colégio para o clube?

J.V. – Me adaptei, pois estava acostumada a jogar em meio a pessoas que não têm tanto conhecimento do futebol, pessoas que acham que é só pegar uma bola e sair jogando. Quando se chega em um clube, precisa fazer o aquecimento, preparação física, então é totalmente diferente. A gente precisa se adaptar as regras e não apenas jogar, precisar saber o que está fazendo.

S.R – Tu sentiu alguma dificuldade para jogar bola?

J.V. – No início, quando entrei no Pelotas, sim! Porque eu estava acima do meu peso. Para poder jogar, eu precisava emagrecer. Como eu queria muito jogar, pra mim foi fácil.

S.R – Então a tua maior dificuldade foi o sobrepeso?

J.V. – Sim. [RISOS]

S.R. – Tu recebe ou já recebeu algum salário ou alguma ajuda de custo para jogar futebol?

J.V – Não. Só na seleção.

S.R – Tu lembra, mais ou menos, quanto foi essa ajuda de custo?

J.V. – Foi: R\$ 1500 em quinze dias.

S.R – É pago por dia, e diária?

J.V. – Sim.

S.R – Conta para gente como foi a tua chegada na seleção brasileira, como recebeste a notícia de que foi convocada, como foi a viagem...

P.J: Como foi o processo de seleção também se tu participou de peneira ou se foi convidada?

J.V – Nós tivemos uma peneira, um mês antes das convocações, em Pelotas. Eles atrasaram a vinda para fazer a peneira, então, quando eles chegaram, eu já estava no meu peso ideal. Várias meninas participaram da peneira, não me lembro quantas exatamente. Apenas duas sub-17, foi onde a Rubiani⁵ e a Luana⁶ foram convocadas também. Fomos eu e a Ariane⁷ para a sub-17. A Ariane já tinha sido convocada anteriormente. Na chegada lá, a gente fica muito nervosa, mas aí vai se adaptando aos poucos. Em quinze dias adapta-se a tudo. Na primeira semana está na fase de conhecimento do gramado, fazendo preparo físico, se adaptando a equipe técnica deles, que é bem diferente, mantendo sempre a seriedade que o professor pede: não ficar de risadinha, andando pelos corredores, fazendo coisas que eles não gostariam. Isso para poder manter a boa aparência de si e do clube onde se joga.

⁴ Campeonato do Sindicato dos Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul

⁵ Rubiani Helling Klug.

⁶ Luana Soares do Amaral.

⁷ Ariane Cabrera Corrêa.

S.R – Tu percebeu diferenças entre o treino do Pelotas e o da seleção?

J.V – Não teve muita diferença, os treinos da seleção eram até mais tranquilos, o preparo físico do que aqui no Pelotas.

S.R. – Como a tua família recebeu a notícia da tua convocação?

J.V. – Eles ficaram felizes e primeiramente não acreditaram, acharam que eu estava de brincadeira porque eles pensavam que uma pessoa que é de fora não é de cidade mais centralizada, não seria convocada para a seleção brasileira. Eles não acreditaram muito, achavam que eu jogava por gostar e não por querer chegar aonde eu cheguei.

S.R. – Além dos campeonatos da escola, lembra de outro que tenha disputado?

J.V. – Eu disputei o Campeonato Gaúcho⁸, a Copa Cruzeiro⁹ com o Pelotas, nós fomos para o Piratini e as que eu me lembro acho que são essas.

S.R – Tem algo que marcou a tua carreira que tu gostaria de compartilhar conosco?

J.V. – Ter sido convocada para a seleção e o fato de eu ter voltado de lá com o joelho machucado.

S.R – O que houve?

J.V. – Estiramento do ligamento.

S.R – Já está recuperada?

J.V. – Sim, fiz fisioterapia e tudo.

⁸ Campeonato regional, disputado por clubes do estado do Rio Grande do Sul.

⁹ Nome sujeito a confirmação

P.J. – Quando tu sofreu essa lesão, eles te auxiliaram, como é que foi?

J.V. – Sim. Eu fazia fisioterapia todos os dias. Eu havia ido para lá com uma torção de tornozelo, então eu fazia fisioterapia todos os dias, de manhã e de noite depois dos treinos. Depois de acabada a convocação, eu machuquei o joelho. Eles me deram todo o suporte necessário. Quando eu retornei a Pelotas fiz um mês ainda de fisioterapia.

S.R. – Tu foste convocada uma vez?

J.V. – Sim.

S.R. – Há algo que não perguntamos que tu queiras destacar, compartilhar conosco?

P.J. – Tu te inspirou em alguém ou tu te inspira em alguma jogadora que tu tenha como referência?

J.V. – Não, eu faço tudo relevante a mim mesma, até um limite, até onde eu posso chegar.

P.J. – Qual o teu maior sonho dentro do futebol?

J.V. – Eu quero ser convocada pela seleção principal. Esse é o meu maior sonho. Eu estou buscando essa meta.

P.J. – Há alguma coisa que se tu pudesse mudar tu mudaria, no futebol feminino?

J.V. – Mudaria. Por um dia, eu gostaria de mostrar ao público que o futebol feminino não é como eles pensam. Procuraria tirar esse machismo todo que existe, que menina tem que ficar em casa e quem joga bola é menino. Eu gostaria de mostrar para o público que o futebol feminino é bem mais interessante que o masculino tanto como imagem e a questão de estudo. Pois hoje os meninos param muito cedo de estudar, pois eles irão ganhar salários enormes jogando futebol. As meninas não, ela pensa além do futebol, nos seus estudos e na sua formação.

P.J. – Durante este teu pequeno período jogando futebol, tu passou por alguma situação de desconforto ou alguma dificuldade?

J.V. – Não exatamente. Têm horas em que se fica desanimada porque a gente gostaria de treinar todos os dias e infelizmente não acontece. Eu treino mais nos finais de semana, têm vezes que bate aquele cansaço, por ser no final de semana, tem que acordar cedo no domingo, as vezes frio, está chovendo, aí volta toda molhada pra casa. Esse é o único desconforto. Eu já pensei várias vezes em parar, mas o que eu quero é jogar, então tenho que encarar.

P.J. – E pelo fato de você ser menina e estar jogando futebol, você já sofreu com isso?

J.V. – Nunca, para mim nunca falaram nada.

S.R – Muito obrigada.

P.J. – Muito obrigada e boa sorte.

[FINAL DA ENTREVISTA]